

## OS PILARES SOCIODEMOGRÁFICOS DO VOTO EM LULA NAS ELEIÇÕES DE 2022

Carlos Eduardo Bellini Borenstein<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo testará a hipótese, a partir da série de pesquisas quantitativas realizadas pela Ipspe/Abrapel, intitulada “Termômetro da campanha”, durante a eleição presidencial de 2022, que o voto no candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, na vitória sobre o então presidente Jair Bolsonaro (PL) se sustentou em quatro pilares sociodemográficos: 1) as mulheres; 2) os segmentos que possuem o ensino fundamental como grau de instrução; 3) os eleitores da região Nordeste; e 4) os setores da sociedade brasileira com renda mensal de até 2 salários mínimos. Neste artigo também buscaremos demonstrar como as variáveis demográficas que foram determinantes para a vitória de Lula se relacionam com o conceito do lulismo, que a partir das eleições de 2006 provocou um realinhamento eleitoral, estabelecendo uma nova divisão regional do voto nas eleições presidenciais. A perspectiva de realinhamento de André Singer (2012) será debatida com a de Felipe Nunes e Thomas Traumann (2023).

**Palavras-chave:** Eleições; Lula; Pesquisas; Pilares sociodemográficos; Realinhamento.

**Abstract:** This article will test the hypothesis, based on the series of quantitative research carried out by Ipspe/Abrapel, entitled “Campaign Thermometer”, during the 2022 presidential election, that the vote for the PT candidate, Luiz Inácio Lula da Silva, in the victory over then-president Jair Bolsonaro (PL) was based on four sociodemographic pillars: 1) women; 2) segments that have primary education as their level of education; 3) voters in the Northeast region; and 4) sectors of Brazilian society with monthly income of up to 2 minimum wages. In this article we will also seek to demonstrate how the demographic variables that were decisive for Lula's victory relate to the concept of Lulism, which from the 2006 elections onwards caused an electoral realignment, establishing a new regional division of the vote in the presidential

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Ciência Política pela UFRGS. Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bacharel em Ciência Política pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail para contato: carlosbellini1@gmail.com.

elections. André Singer (2012) realignment perspective will be debated with those of Felipe Nunes and Thomas Traumann (2023).

**Keywords:** Elections; Lula; Survey; Sociodemographic pillars; Realignment.

## 1. Introdução

A partir das pesquisas quantitativas realizadas pela Ipespe/Abrapel – Termômetro da campanha”, nos meses de setembro, outubro e novembro da eleição presidencial de 2022, testaremos a hipótese que o voto no candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva, vencedor da disputa contra o então presidente Jair Bolsonaro (PL), teve quatro principais pilares sociodemográficos: 1) as mulheres; 2) os segmentos que possuem o ensino fundamental como grau de instrução; 3) os eleitores da região Nordeste; e 4) os segmentos com renda mensal de até 2 salários mínimos (SM).

Importante observar que este artigo analisará as principais variáveis sociodemográficas do segundo turno. Tomamos a decisão de restringir a observação dessas variáveis ao segundo turno, pois o pleito de 2022 teve o que podemos classificar como “um segundo turno antecipado no primeiro”, em função do enraizamento da polarização entre Lula e Jair Bolsonaro, o que “forçou” o mercado eleitoral a se posicionar precocemente entre as alternativas mais competitivas da eleição. No entanto, também incluímos alguns dados de pesquisas do primeiro turno – tanto estimulado quanto espontâneo – pois a avaliação desses números contribui para reforçar a hipótese da ocorrência desse “segundo turno antecipado no primeiro”. No entanto, as observações dos dados das pesquisas do primeiro turno se referem às intenções de voto totais dos candidatos na série de pesquisas, não avançando, por exemplo, sobre as variáveis sociodemográficas das preferências eleitorais.

Sobre esse “segundo turno antecipado no primeiro”, conforme podemos observar na tabela 1, desde o dia 3 de setembro, quando teve início a série de pesquisas Ipespe/Abrapel do primeiro turno, Lula e Bolsonaro já concentravam 70% das preferências eleitorais na menção espontânea, enquanto os candidatos da chamada terceira via, somados, atingiam apenas 7% das preferências. Nos quatro levantamentos seguintes, a polarização entre Lula e Bolsonaro ficou ainda mais sedimentada. A soma das intenções de voto nos dois principais concorrentes atingiu 74% no dia 10 de setembro. Saltou para 75% em 17 de setembro. Oscilou positivamente para

76% em 24 de setembro e, no levantamento divulgado no dia 1º de outubro, oscilou levemente para baixo, ficando em 75%. Para efeito de comparação, os dois principais nomes da terceira via – Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) – sequer somavam juntos dois dígitos das intenções de voto. Além disso, o percentual de eleitores indecisos era baixo, chegando, no percentual mais alto, a 14%, na pesquisa divulgada em 10 de setembro.

**Tabela 1- Pesquisa Espontânea Ipespe/Abraapel (Intenção de voto para presidente)**

CANDIDATOS	03/09 (%)	10/09 (%)	17/09 (%)	24/09 (%)	01/10 (%)
Lula (PT)	40	40	41	42	43
Jair Bolsonaro (PL)	30	34	34	34	32
Simone Tebet (MDB)	2	3	3	2	4
Ciro Gomes (PDT)	5	5	5	5	5
Outros	0	0	0	0	0
Branco/Nulos	6	4	4	4	5
Indecisos	13	14	12	13	11

**Fonte:** Pesquisa Ipespe/Abraapel, 2022.

Na menção estimulada do primeiro turno – ver tabela 2 – o cenário era muito similar. Lula e Jair Bolsonaro tinham um voto muito consolidado desde o início de novembro de 2022. A soma das intenções de voto deles totalizava 79% no levantamento de 3 de setembro. Atingiu 80% em 10 e 17 de setembro. No dia 24 de setembro, oscilou positivamente para 81%. E registrou uma oscilação negativa para 79% em 1º de outubro. Como a margem de erro das pesquisas Ipespe/Abraapel era de 3 pontos percentuais para mais ou para menos, matematicamente, em nenhum momento ao longo do primeiro turno a polarização foi ameaçada, o que reforça a hipótese de que parte significativa do eleitorado “antecipou o segundo turno no primeiro turno”. Para efeito de comparação, os candidatos da terceira via – Ciro Gomes, Simone Tebet e outros – conseguiram somar juntos, no melhor cenário, apenas 16% das intenções de voto, o que ocorreu no levantamento divulgado no dia 3 de setembro. No entanto, vale destacar que, nessa série histórica do primeiro turno, o candidato mais bem posicionado, que foi Ciro, não chegou aos dois dígitos. Quanto ao número de indecisos, atingiu seu percentual mais elevado em 24 de setembro (4%), o que indicava poucos votos a serem disputados pelo mercado eleitoral fora da polarização entre Lula e Bolsonaro.

**Tabela 2- Pesquisa Estimulada Ipespe/Abrapel (Intenção de voto para presidente)**

CANDIDATOS	03/09 (%)	10/09 (%)	17/09 (%)	24/09 (%)	01/10 (%)
Lula (PT)	44	44	45	46	46
Jair Bolsonaro (PL)	35	36	35	35	33
Simone Tebet (MDB)	5	5	5	4	6
Ciro Gomes (PDT)	9	8	7	6	7
Outros	2	2	2	0	2
Branco/Nulos	3	3	3	5	3
Indecisos	2	2	2	4	1

Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrapel, 2022.

Mesmo que o objetivo deste artigo seja a análise dos pilares sociodemográficos do voto em Lula no segundo turno, entendemos que é importante também comparar esses pilares do voto lulista com os grupos sociodemográficos de sexo, grau de instrução, região e renda em que a preferência eleitoral foi por Bolsonaro. Esse comparativo ajudará a demonstrar porque o voto feminino, dos eleitores que têm o ensino fundamental como grau de instrução, dos habitantes da região Nordeste e com renda mensal de até 2 SM definiram o pleito em favor do Lula.

Cabe também ressaltar que optamos pelo enfoque dos pilares do voto em Lula porque o candidato do PT foi o vencedor da eleição. Mais do que isso, o pleito de 2022 foi inédito ao estabelecer o confronto do então atual presidente (Jair Bolsonaro) com um ex-presidente (Lula). Além disso, a vitória de Lula foi uma conquista inédita, pois conduziu, pela primeira vez em nossa história, um líder político três vezes ao cargo máximo do país pelo voto popular – além de 2022, Lula havia vencido as eleições presidenciais de 2002 e 2006.

Vale observar que daremos ênfase à análise dos principais pilares sociodemográficos do levantamento. Embora a análise das intenções de voto estimuladas e espontâneas também sejam importantes numa pesquisa eleitoral (e por isso foi citada anteriormente), entendemos que é a análise das principais variáveis sociodemográficas dos levantamentos que possibilitam uma análise mais aprofundada da eleição, principalmente do pleito de 2022, disputa em que as preferências eleitorais dos dois *players* – Lula e Jair Bolsonaro – estavam muito consolidadas.

Outro aspecto a ser ressaltado é que este artigo também analisará as variáveis sociodemográficas em que o voto em Jair Bolsonaro estava mais consolidado – homens e a parcela do eleitorado com renda mensal de mais de 2 a 5 salários. Também será incluída nesse comparativo a região Sudeste, que é a maior do país, concentrando 43% do eleitorado nacional.

Embora Bolsonaro tenha tido um desempenho superior a Lula nas regiões Centro-Oeste e Sul, onde venceu Lula nos dois turnos da eleição, é o Sudeste que poderia compensar a vantagem que Lula livrou de Bolsonaro no Nordeste, o que acabou não ocorrendo. Assim, mesmo que Bolsonaro tenha vencido em quatro das cinco regiões do país, quem se elegeu presidente foi Lula<sup>2</sup>.

O artigo também pretende demonstrar que os pilares sociodemográficos do voto em Lula se relacionam com realinhamento eleitoral iniciado em 2006, que deu origem ao conceito lulismo, conforme a definição do cientista político André Singer (2012)<sup>3</sup>.

A expressão realinhamento eleitoral foi elaborada nos EUA para designar a mudança de clivagens fundamentais do eleitorado, que definem um ciclo político longo. Apesar de o conceito de realinhamento ser objeto de extenso debate na ciência política, interessa-me nele apenas a ideia de que certas conversões de bloco de eleitores são capazes de determinar uma agenda de longo prazo, da qual nem mesmo a oposição ao governo consegue escapar (SINGER, 2012, p. 13 e 14).

Quem cunhou o termo realinhamento nos Estados Unidos foi o cientista político Valdimer Key. No artigo *A Theory of Critical Elections*, Key (1955) recorre ao realinhamento para explicar o deslocamento de eleitores dos partidos democrata e republicanos, mudando clivagens anteriormente estruturadas.

No Brasil, esse realinhamento a que Singer (2012) se refere continua orientando o comportamento eleitoral. Mais do que isso, a preferência por Lula no segmento do eleitorado com renda mensal de até 2 SM foi decisiva para a sua vitória e a consolidação da nova divisão regional do comportamento eleitoral nas disputas presidenciais.

Entretanto, Nunes e Traumann (2023) na obra *Biografia do Abismo*, defendem que o realinhamento surgido no Brasil, a partir das eleições de 2006, adquiriu outros contornos nos pleitos de 2018 e 2022. Para Nunes e Traumann (2023), fatores como a Operação Lava Jato, a crise econômica e o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) estabeleceram profundas mudanças na opinião pública, a partir da crise política que desestruturou o sistema

---

<sup>2</sup> No segundo turno, Lula venceu Jair Bolsonaro na região Nordeste por 69,34% a 30,66% dos votos válidos. Nas demais regiões, o vitorioso foi Bolsonaro: Sul (61,84% a 38,16%); Sudeste (54,27% a 45,73%); Centro-Oeste (60,21% a 39,79%) e Norte (51,03% a 48,97%).

<sup>3</sup> Segundo André Singer, o lulismo foi uma ideia que surgiu após o primeiro mandato do presidente Lula. A ideia central é mudar o Brasil pensando sobretudo na questão da inclusão social, melhorando a vida das camadas populares, especificamente dos mais pobres, sem qualquer tipo de radicalização política. A partir disso, com medidas como o Bolsa Família, que distribuem renda e ativam a economia em certas regiões muito deprimidas, principalmente do interior do Nordeste, em associação com a valorização do salário mínimo. Ocorre, então, uma reativação do consumo vindo de baixo.

político surgido após a redemocratização do país. Nicolau (2020) descreveu tais mudanças no livro *O Brasil dobrou à direita*.

Apesar da adesão da classe média e do eleitorado evangélico em direção ao hoje ex-presidente Jair Bolsonaro tenha estabelecido novos contornos no realinhamento iniciado em 2006, entendemos que a divisão regional do voto não foi alterada. Mesmo com a polarização se tornando mais enraizada, o comportamento eleitoral regional nos pleitos de 2018 e 2022 praticamente repete o padrão iniciado nas eleições de 2006. O que temos de novidade em termos de comportamento nos estados nos pleitos presidenciais é a migração do voto do PSDB para o bolsonarismo, a partir de 2018, além de alterações na composição social do voto bolsonarista quando comparado a base social do PSDB. Entretanto, como veremos neste trabalho, tais mudanças não afetaram a divisão regional do voto iniciada em 2006.

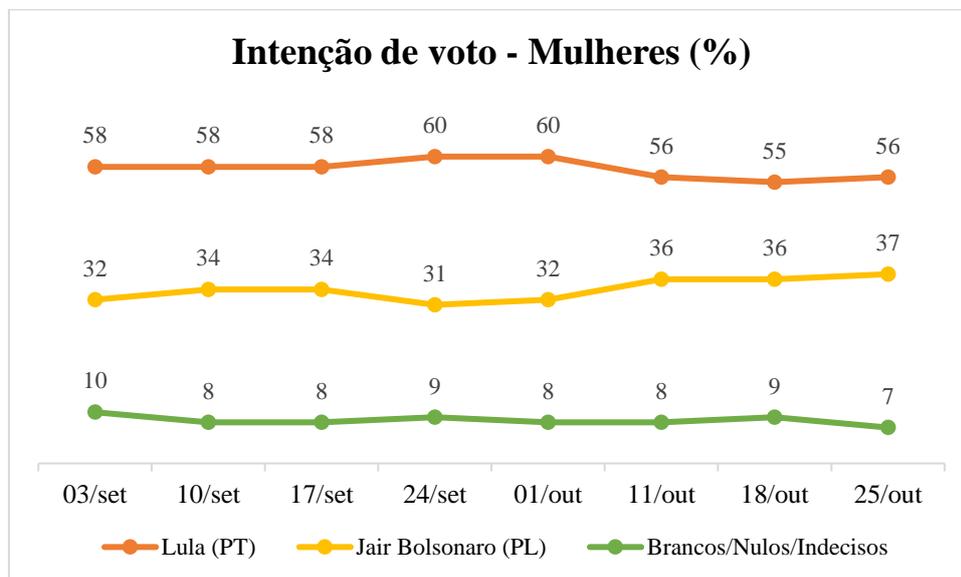
## **2. Os quatro pilares sociodemográficos do voto em Lula**

Após essas breves considerações sobre a disputa presidencial de 2022, entraremos, agora, na análise dos quatro pilares sociodemográficos que, conforme a hipótese desenvolvida no artigo, foram determinantes para a vitória de Lula. O primeiro pilar observado será a preferência das mulheres nas simulações de segundo turno da pesquisa Ipspe/Abrapel.

As mulheres tiveram um grande peso na vitória de Lula, pois, quantitativamente, representam 53% do eleitorado na variável sexo. Além disso, havia uma resistência das mulheres em relação a Bolsonaro, por conta de declarações passíveis de serem consideradas machistas proferidas pelo então presidente durante seu mandato.

Conforme podemos observar na figura 1, Lula tinha uma folgada vantagem sobre Jair Bolsonaro entre o eleitorado feminino. Na última pesquisa realizada pela Ipspe/Abrapel antes do segundo turno (25 de outubro), Lula tinha 19 pontos percentuais de vantagem sobre Bolsonaro. Embora essa distância tenha sido menor que a registrada, por exemplo, na pesquisa divulgada em 24 de setembro (31 pontos), a preferência das mulheres pela candidatura de Lula constituiu o primeiro pilar sociodemográfico do voto lulista.

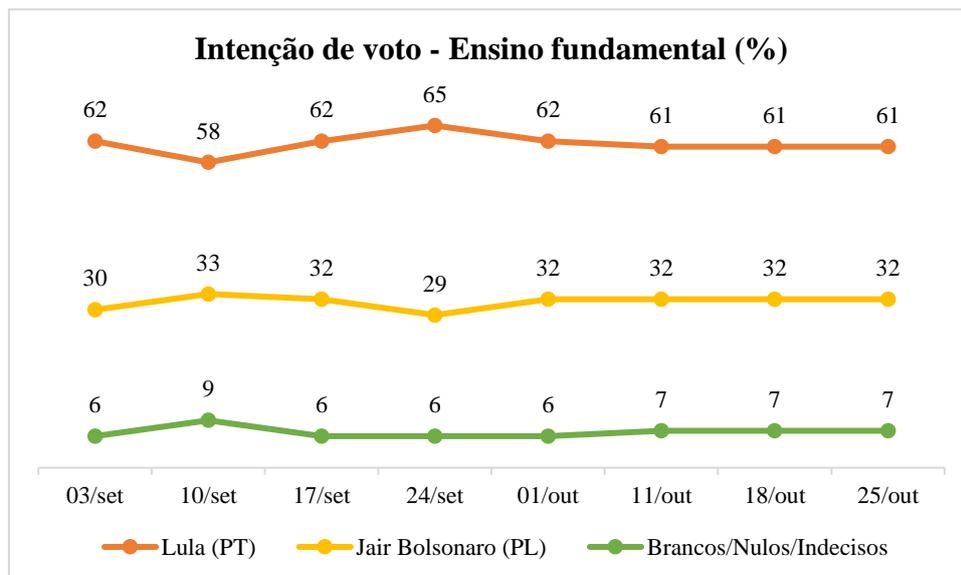
**Figura. 1- Intenção de voto - Mulheres**



Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrape, 2022.

Na figura 2, podemos observar que no eleitorado que tem o ensino fundamental como grau de instrução, segmento que representa 38% do eleitorado, Lula tinha uma vantagem de 29 pontos percentuais sobre Bolsonaro na última pesquisa Ipespe/Abrapel antes do segundo turno (25 de outubro). Embora a distância entre os candidatos junto aos eleitores com ensino fundamental tenha sido maior em 24 de setembro – Lula vence Bolsonaro por uma distância de 36 pontos nessa data – a folgada vantagem do candidato do PT nesse segmento – eleitorado com ensino fundamental – foi o segundo pilar sociodemográfico do voto lulista.

**Figura 2 - Intenção de voto – Ensino Fundamental**

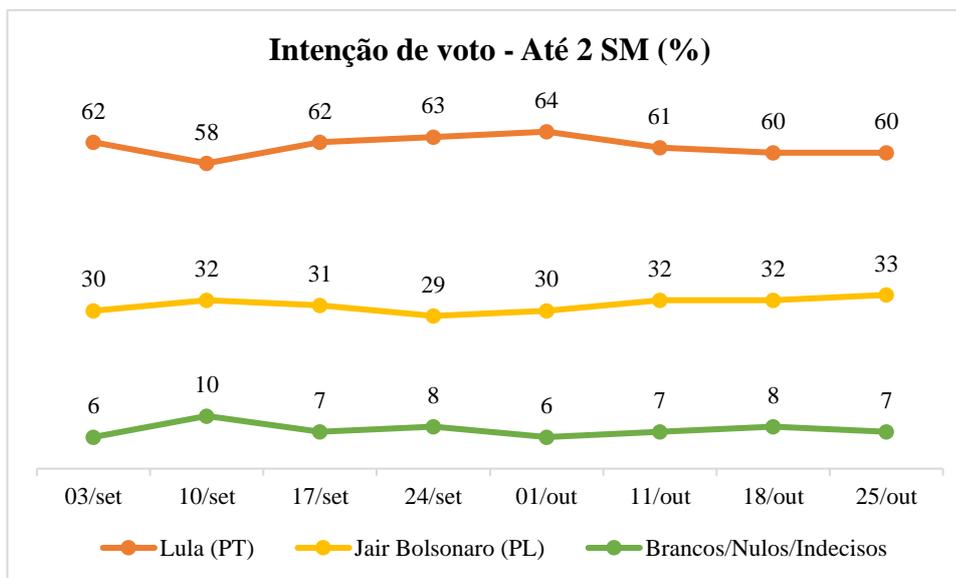


Fonte: Pesquisa Ipspe/Abrapel, 2022

Entramos, agora, no pilar mais importante das variáveis sociodemográficas que explicam a vitória de Lula sobre Jair Bolsonaro na eleição de 2022: o segmento com renda mensal de até 2 salário mínimos (SM), que representa 47% da população brasileira. Essa variável sociodemográfica foi a mais importante entre os pilares do voto lulista pelos seguintes aspectos: 1) é o segmento de faixa de renda que concentra mais eleitores – e o único em que Lula derrotou Bolsonaro; 2) desde o realinhamento eleitoral de 2006, a população com renda de até 2 SM tem votado alinhado com o lulismo; 3) a variável renda é um importante preditor de voto; 4) existe uma relação entre os eleitores de menor renda – até 2 SM – com o Nordeste, que conforme veremos a seguir, também foi determinante para a vitória de Lula.

Conforme podemos observar na figura 3, Lula liderou com folga as simulações de segundo turno entre os eleitores com renda de até 2 SM desde o início de setembro. Nem mesmo o Auxílio Brasil turbinado – nome que o governo Jair Bolsonaro havia batizado o Bolsa Família da Era Lula – foi suficiente para fazer o eleitor de menor renda abandonar Lula. Na última pesquisa Ipspe/Abrapel antes do segundo turno, divulgada no dia 25 de outubro, Lula aparecia com uma distância de 33 pontos percentuais sobre Bolsonaro, praticamente mantendo a vantagem de 34 pontos – a mais alta da série histórica – observada nos levantamentos divulgados 24 de setembro e 1º de outubro. Ou seja, o eleitorado com renda de até 2 SM foi o terceiro pilar sociodemográfico do voto lulista na eleição de 2022.

**Figura. 3 - Intenção de voto – Até 2 salários mínimos**

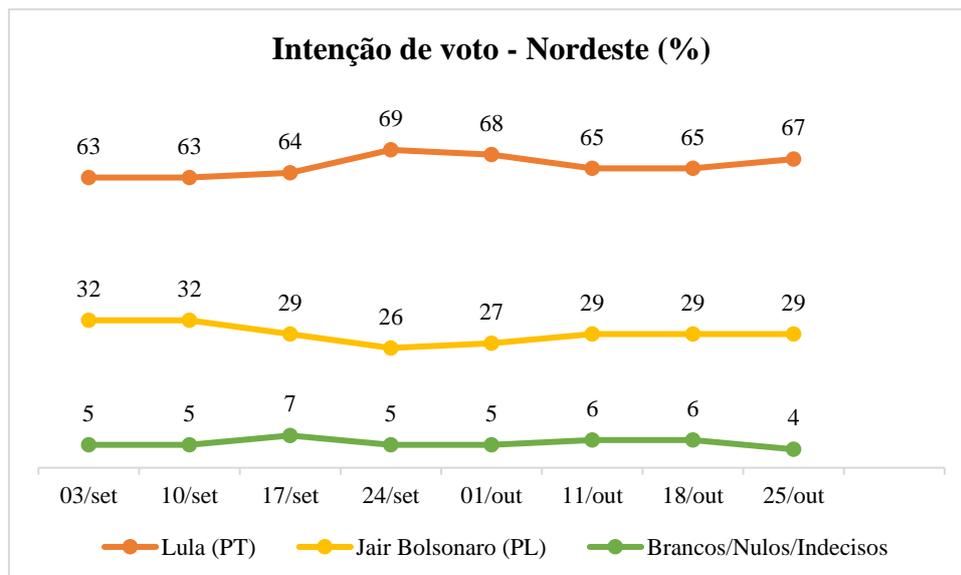


Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrapel, 2022.

O quarto pilar sociodemográfico do voto em Lula nas eleições de 2022 – e tão importante quanto a variável renda – foi a região Nordeste. Além de ser a segunda região com mais eleitores – o Nordeste concentra, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 27% dos votantes do país – foi a única em que Lula venceu Bolsonaro no segundo turno. Outro aspecto a ser registrado – e que podemos observar quando falarmos sobre a divisão regional do voto, na última parte da análise deste artigo – é que o Nordeste se transformou, regionalmente, no grande reduto político de Lula, a partir das eleições de 2006, mantendo essa posição até os dias atuais.

Conforme podemos observar na figura 4, Lula liderou com folga as simulações de segundo turno no Nordeste desde setembro, não sendo ameaçado por seu principal concorrente, Jair Bolsonaro, em nenhum momento. Na última pesquisa Ipespe/Abrapel antes do segundo turno – 25 de outubro – a distância entre Lula e Bolsonaro era de 38 pontos percentuais na região. Embora essa vantagem do candidato do PT tenha sido um pouco menor que a observada no levantamento divulgado em 24 de setembro, quando atingiu 43 pontos, a distância que Lula tinha sobre Bolsonaro no Nordeste não foi compensada pelo candidato do PL em nenhuma região do país. Por todos esses aspectos, o Nordeste foi o quarto pilar sociodemográfico do voto lulista em 2022.

**Figura. 4 - Intenção de voto - Nordeste**



Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrapel, 2022.

A expressiva vantagem que Lula tinha sobre Jair Bolsonaro no que classificamos como pilares sociodemográficos do voto lulista – eleitorado feminino (19 pontos percentuais de vantagem); eleitores com ensino fundamental (29 pontos); eleitores com renda mensal de até 2 SM (33 pontos); e eleitorado que habita na região Nordeste (38 pontos) – na última pesquisa da série Ipespe/Abrapel, divulgada em 25 de outubro, reforçam a nossa hipótese de que essas variáveis sociodemográficas foram determinantes para a vitória de Lula. Conforme procuramos demonstrar na análise, tais variáveis representam contingentes expressivos do eleitorado em importantes segmentos como sexo, grau de instrução, renda e região.

### 3. Comparando os pilares sociodemográficos do voto em Lula e Bolsonaro no 2º turno

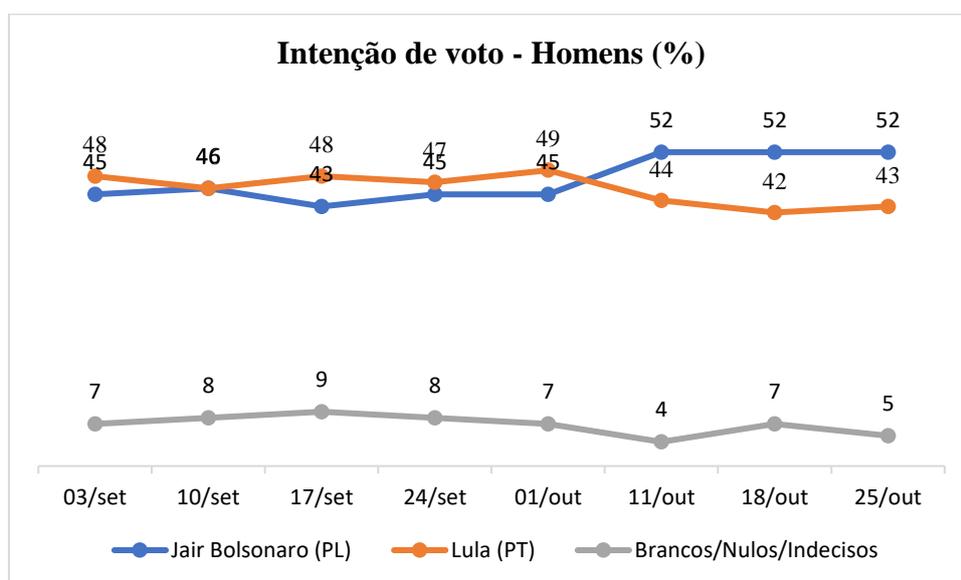
Para robustecer a hipótese de que as mulheres, o eleitorado com ensino fundamental, com renda mensal de até 2 SM e os habitantes da região Nordeste representaram os pilares sociodemográficos do voto em Lula, é importante comparar o desempenho do candidato do PT nessas variáveis com o desempenho registrado por Jair Bolsonaro em outras variáveis sociodemográficas como sexo, escolaridade, renda e região.

Nesta parte do trabalho iremos analisar o que os números da pesquisa Ipespe/Abrapel das simulações de segundo turno mostravam sobre a intenção de voto de Bolsonaro entre os homens, nas faixas de renda de mais de 2 a 5 salários mínimos (SM) e mais de 5 SM, e também nas regiões Sudeste e Sul.

Apesar da região Centro-Oeste ter sido um importante reduto de Jair Bolsonaro, não incluímos essa região porque nos levantamentos o Centro-Oeste aparecia junto com a região Norte nos levantamentos. Optamos por incluir o Sudeste pelo fato dessa região concentrar o maior contingente de eleitores do país, e também para demonstrar que o desempenho de Bolsonaro no Sudeste foi insuficiente para compensar a dianteira de Lula no Nordeste.

Na figura 5, temos as simulações de intenção de voto de segundo turno entre Lula x Jair Bolsonaro entre os homens, que concentram 47% dos eleitores na variável sexo. Embora tenha travado uma disputa equilibrada entre o eleitorado masculino, Bolsonaro assumiu a liderança no público masculino, a partir do levantamento de 11 de outubro. Nas últimas três pesquisas, Bolsonaro tinha uma vantagem sobre Lula, que oscilou entre 8 e 10 pontos percentuais.

**Figura. 5 - Intenção de voto - Homens**



Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrapel, 2022.

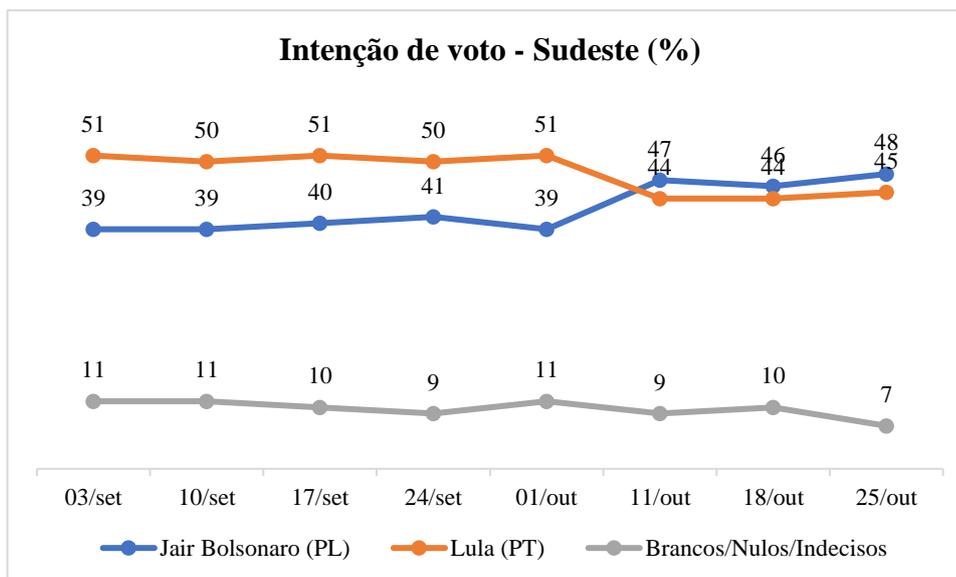
Apesar da vantagem de Bolsonaro entre os homens, a distância que Lula registrava entre o eleitorado feminino não foi compensada pelo candidato do PL na variável sexo. Enquanto, na última pesquisa Abrapel/Ipespe antes do segundo turno, em 25 de outubro, a distância de Bolsonaro para Lula era de 9 pontos percentuais entre os homens, junto às mulheres, o candidato do PT, nesse mesmo levantamento, tinha 19 pontos de vantagem sobre seu oponente. Outro aspecto a ser considerado é que 53% do eleitorado eram mulheres, enquanto 47% eram homens.

Este trabalho também sustenta a hipótese que o Sudeste não conseguiu compensar para Bolsonaro a vantagem de Lula no Nordeste. O comparativo entre essas duas regiões é importante, pois, enquanto o Sudeste concentra 43% do eleitorado, 27% localizam-se no Nordeste. Ou seja, 60% dos eleitores brasileiros habitam nessas duas regiões. Assim, para equilibrar a expressiva dianteira de Lula no Nordeste, Bolsonaro precisava ter uma vantagem similar no Sudeste, o que não ocorreu. Vale registrar que o Sudeste compreende os estados de São Paulo (SP), Minas Gerais (MG) e Rio de Janeiro (RJ), que são os três maiores do país. Também por isso, o Sudeste é considerado o fiel da balança em eleições decididas por apertada margem de votos, como foi a de 2022.

Nunes e Traumann (2023) apontam que Lula venceu as eleições de 2022 porque ampliou a votação do PT em quatro capitais estratégicas: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Belo Horizonte. Segundo Moura e Trevisan (2024), ao compararmos os segundos turnos de 2018 e 2022, constata-se que Jair Bolsonaro perdeu 13,92 pontos percentuais em São Paulo; 13,69 pontos no Rio de Janeiro; 2,14 pontos em Salvador; e 11,34 pontos em Belo Horizonte. Assim, de acordo com Moura e Trevisan (2024, p. 26), “a retração de Bolsonaro na região Sudeste foi determinante para a reversão do resultado, o que derrotou o candidato incumbente”.

Na figura 6, podemos observar uma disputa equilibrada entre Lula x Bolsonaro no Sudeste. Embora Lula estivesse à frente de Bolsonaro na região até o levantamento realizado em 1º de outubro, quando Bolsonaro ultrapassou Lula (11 de outubro), ficando numericamente na dianteira, mas tecnicamente empatado em função da margem de erro – 3 pontos percentuais para mais ou para menos – a vantagem do então presidente, na última pesquisa Ipespe/Abrapel (25 de outubro), era de apenas 3 pontos percentuais. Para efeito de comparação, no Nordeste, que regionalmente foi o principal reduto lulista, Lula tinha, nessa pesquisa de 25 de outubro, 38 pontos percentuais de vantagem. Ou seja, mesmo que Bolsonaro estivesse à frente no Sudeste, impulsionado principalmente por SP, que é um tradicional reduto antipetista, a região não compensou a vantagem que Lula teve no Nordeste.

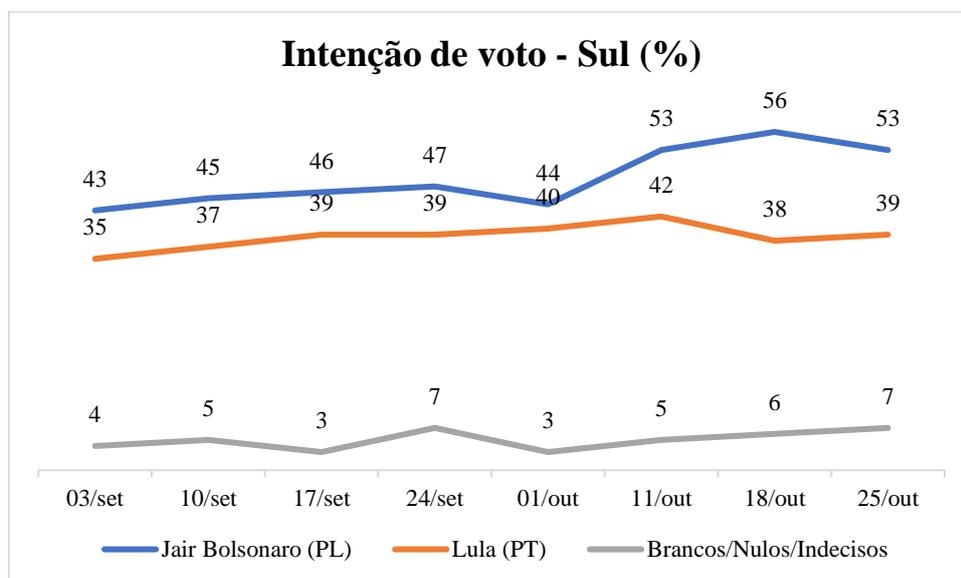
Figura 6 - Intenção de voto - Sudeste



Fonte: Pesquisa Ipspe/Abrapel, 2022.

Também é importante observar o desempenho de Jair Bolsonaro na região Sul, que, desde 2018, é um forte reduto bolsonarista. Como podemos constatar na figura 7, no Sul, Bolsonaro também registrava uma vantagem na última pesquisa antes do segundo turno – 25 de outubro. Porém, essa vantagem era bem inferior à distância que Lula livrava, por exemplo, no Nordeste. Nesse levantamento, a distância em favor de Bolsonaro, que sempre liderou as simulações de segundo turno contra Lula, no Sul, era de 28 pontos percentuais, menor que os 38 pontos que Lula tinha no Nordeste. Outro aspecto a ser destacado é que o Sul concentra apenas 15% dos eleitores, enquanto o Nordeste representa 27% do eleitorado nacional. Ou seja, a região Sul também foi insuficiente para Bolsonaro compensar a vantagem que Lula livrou no Nordeste.

Figura 7 - Intenção de voto - Sul



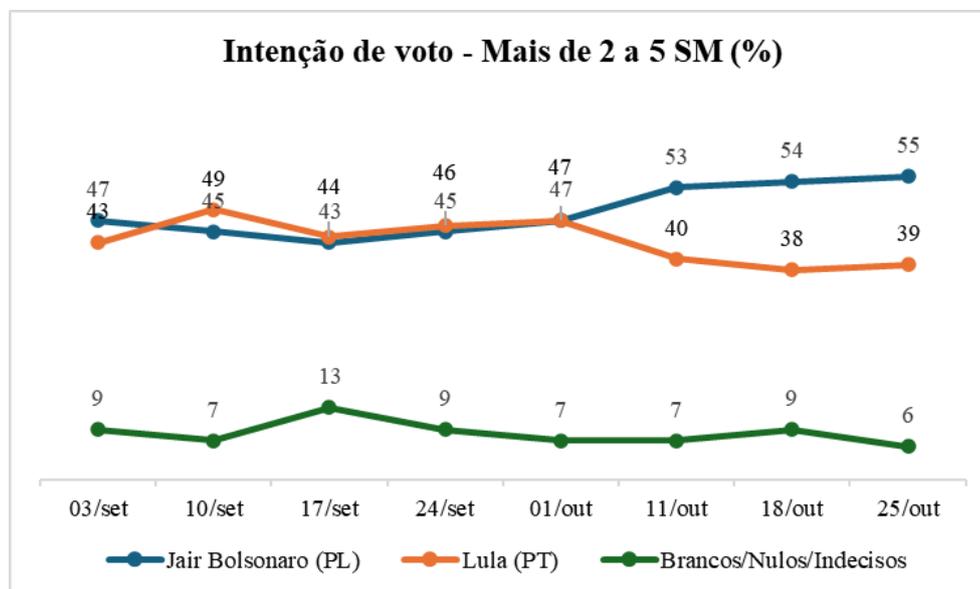
Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrapec, 2022.

Na variável renda, mesmo que Jair Bolsonaro estivesse à frente de Lula em duas das três faixas de renda – mais de 2 a 5 salários mínimos (SM) e mais de 5 SM – perdendo apenas no segmento com renda menos de até 2 SM, a distância que Bolsonaro tinha de Lula na pesquisa divulgada em 25 de outubro também era insuficiente para compensar a vantagem de Lula junto ao eleitorado com renda mensal de até 2 SM. Apesar de os segmentos de mais de 2 a 5 SM e mais de 5 SM concentrarem 53% do eleitorado contra 47% do segmento com renda mensal de até 2 SM, a intenção de voto de Lula nessa faixa de renda era bem maior que a de Bolsonaro nos outros segmentos de renda. Vejamos: nesse levantamento do dia 25 de outubro, enquanto Lula tinha uma vantagem de 33 pontos percentuais sobre Bolsonaro no segmento com renda de até 2 SM, Bolsonaro registrava uma vantagem sobre Lula de 16 pontos percentuais entre quem ganha mais de 2 a 5 SM, e de apenas 6 pontos, entre quem recebe mais de 5 SM.

Na faixa de renda de mais de 2 a 5 SM, embora Lula e Jair Bolsonaro estivessem tecnicamente empatados ao longo da série de pesquisas Ipespe/Abrapec – ver figura 8 – é apenas na pesquisa realizada em 11 de outubro, ou seja, no primeiro levantamento realizado após o início do segundo turno propriamente dito – antes disso, tínhamos apenas simulações de segundo turno, já que a possibilidade de Lula vencer em primeiro turno, embora improvável, existia – que Bolsonaro aparece, de fato, na frente do candidato do PT. Porém, durante todo o segundo turno, a vantagem do então presidente nessa faixa de renda oscilou de 13 a 16 pontos percentuais. Para efeito de comparação, essa distância era 16 pontos inferior a obtida por Lula

na faixa de renda em que ele concentrava a maior parcela de seus eleitores (até 2 SM), que atingiu 32 pontos na última pesquisa antes do segundo turno.

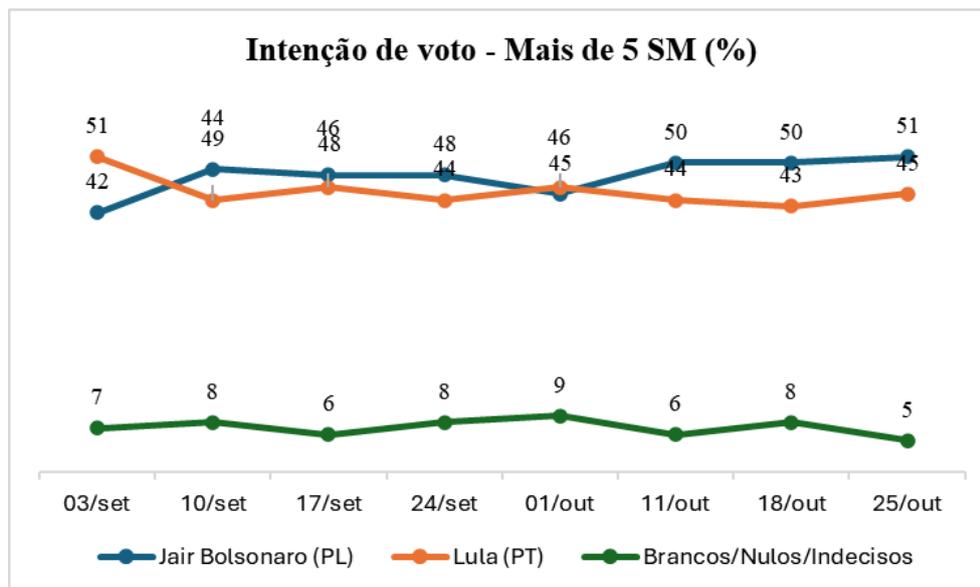
**Figura 8 - Intenção de voto – Mais de 2 a 5 SM**



Fonte: Pesquisa Ipspe/Abraapel, 2022.

Na faixa de renda acima de 5 SM, que concentra apenas 17% do eleitorado, a vantagem que Jair Bolsonaro registrava sobre Lula na última pesquisa antes do segundo turno foi ainda mais apertada – ver figura 9. Como podemos observar, apesar da vantagem numérica de Bolsonaro nesse segmento, ao longo das pesquisas realizadas, o então presidente aparecia tecnicamente empatado com Lula em função da margem de erro (3 pontos percentuais para mais ou para menos). Como o contingente de eleitores com renda mensal acima de 5 SM (17%) é inferior a parcela com renda de até 2 SM (47%), que era onde Lula teve uma vantagem expressiva quando observamos a variável sociodemográfica renda, a preferência por Bolsonaro junto aos segmentos de renda mais alta foi incapaz de compensar a vantagem de Lula entre o eleitorado de menor renda.

**Figura 9 - Intenção de voto – Mais de 5 SM**

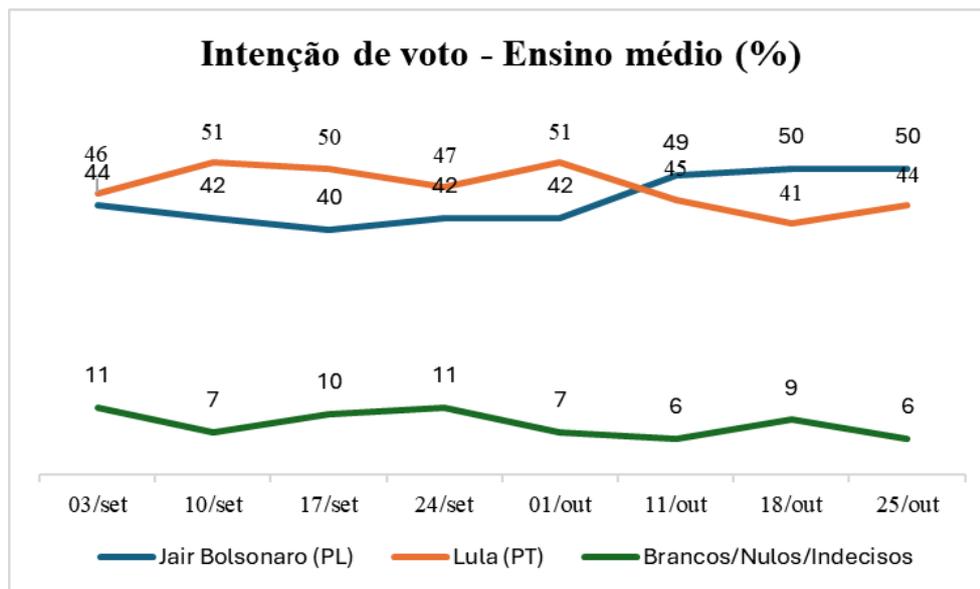


Fonte: Pesquisa Ipspe/Abrapel, 2022.

Cenário similar ao que ocorreu no comparativo das preferências por Lula e Jair Bolsonaro na variável renda também foi registrado em relação ao grau de instrução. Lula, entre os eleitores com ensino fundamental, vence Bolsonaro por 29 pontos percentuais de vantagem na última pesquisa realizada pela Ipspe/Abrapel antes do segundo turno. Bolsonaro, por sua vez, estava na frente entre os eleitores que têm o ensino médio e superior como graus de instrução, que juntos somam 62% dos eleitores. Porém, a vantagem que o então presidente teve nesses dois segmentos em relação a Lula foi de apenas 6 e 11 pontos, respectivamente.

Na figura 10, que abrange a intenção de voto em Lula e Jair Bolsonaro considerando o eleitor que possui o ensino médio como grau de instrução (42% dos eleitores), tivemos um quadro de equilíbrio na disputa. A ultrapassagem de Bolsonaro sobre Lula ocorreu somente nas duas últimas pesquisas antes do segundo turno – 18 e 25 de outubro. No entanto, a vantagem numérica que Bolsonaro tinha antes do segundo turno (6 pontos percentuais) era muito inferior à de Lula entre os eleitores com renda mensal de até 2 SM nesse mesmo período (29 pontos).

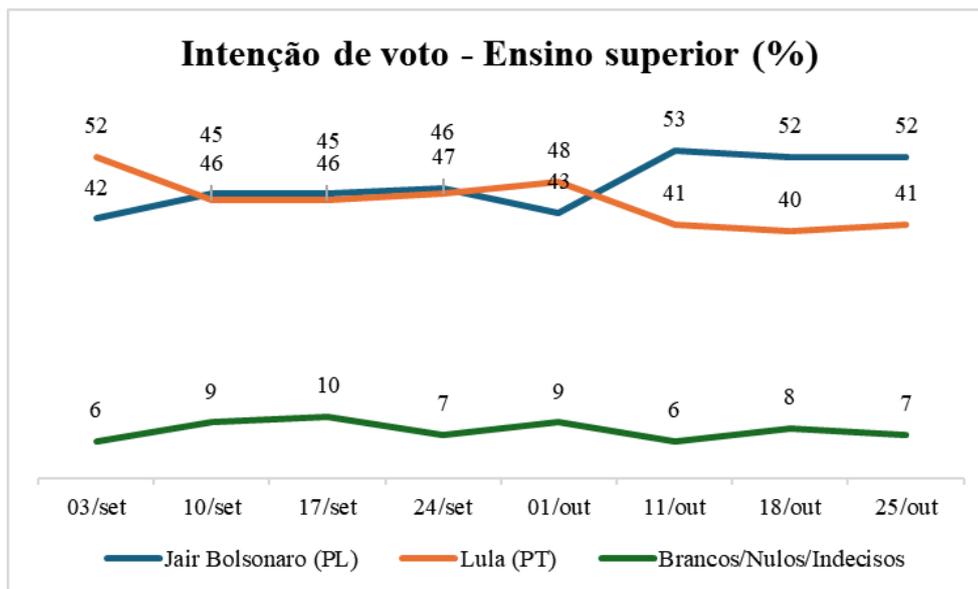
**Figura 10 - Intenção de voto – Ensino médio**



Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrapel, 2022.

Na figura 11, analisamos as intenções de voto em Lula e Bolsonaro considerando os eleitores que tem o ensino superior como grau de instrução, que representam 20% do eleitorado. Nesse segmento, embora a disputa entre os dois *players* da eleição também tenha sido equilibrada durante a série das pesquisas Ipespe/Abrapel sobre o segundo turno, Bolsonaro assumiu a vantagem numérica de Lula a partir do levantamento divulgado em 1º de outubro. E nas sondagens seguintes – 11, 18 e 25 de outubro – consolidou essa dianteira. Porém, a vantagem em relação a Lula na última pesquisa antes do segundo turno (11 pontos percentuais) também era pequena quando comparamos a distância entre Lula e Bolsonaro no segmento que possui o ensino fundamental como grau de instrução (29 pontos em favor do candidato do PT). Outro aspecto a ser registrado é que os eleitores com ensino superior representam apenas 20%, ao passo que os eleitores com ensino fundamental são 38% do eleitorado, o que novamente beneficiou o candidato do PT na comparação da variável sociodemográfica grau de instrução nas intenções de voto.

**Figura 11- Intenção de voto – Ensino superior**



Fonte: Pesquisa Ipespe/Abrael, 2022.

Através do comparativo das variáveis sociodemográficas em que Jair Bolsonaro figurava à frente de Lula considerando o sexo, grau de instrução, região e renda dos entrevistados, buscamos encontrar mais elementos empíricos para testar a hipótese de que as mulheres, os eleitores que possuem o ensino fundamental como grau de instrução, renda mensal de até 2 SM e habitam na região Nordeste representam os pilares sociodemográficos do voto em Lula nas eleições de 2022.

Mesmo que Bolsonaro estivesse à frente de Lula em dois dos três segmentos de renda – mais de 2 a 5 SM e mais de 5 SM – e escolaridade – ensinos médio e superior – assim como no eleitorado masculino, o então presidente e candidato do PL à reeleição não conseguiu compensar a vantagem que Lula conquistou em quatro pilares sociodemográficos que representam setores expressivos do eleitorado.

Como demonstraremos na próxima seção do trabalho, as variáveis sociodemográficas que foram os pilares do voto em Lula na eleição de 2022 consolidaram o realinhamento eleitoral iniciado no pleito presidencial de 2006, quando a base social de Lula migrou para os segmentos de menor escolaridade, renda e habitantes da região Nordeste. Essa transformação foi classificada pelo cientista político André Singer (2012) como o marco do surgimento do lulismo. Desde então, o lulismo é um dos polos que organiza as disputas presidenciais.

## 4. Outras variáveis sociodemográficas

A pesquisa Ipspe/Abrapec – “Termômetro da campanha” também realizou segmentações de intenções de voto por idade e religião. Embora sejam variáveis sociodemográficas importantes, entendemos que não tiveram o mesmo peso que as variáveis sexo, renda, escolaridade e região na vitória de Lula.

Lula teve um voto mais concentrado entre os jovens – 16 a 34 anos, faixa etária que corresponde por 36% do eleitorado desse segmento. Nesse público, Lula registrou, na última pesquisa Ipspe/Abrapec antes do segundo turno, divulgada em 25 de outubro de 2022, 52% das intenções de voto contra 42% de Bolsonaro. Uma vantagem de 10 pontos percentuais.

Na faixa etária de 25 a 59 anos, que representa 45% no segmento faixa etária, Lula registrou 49% das intenções de voto contra 33% de Bolsonaro no levantamento realizado pela Ipspe/Abrapec em 25 de outubro de 2022. Entretanto, como a margem de erro da pesquisa era de 3 pontos percentuais para mais ou para menos, os dois candidatos estavam em situação de empate técnico. Na faixa etária de 60 anos ou mais, que representava 16% desse segmento, Lula apareceria 49% contra 46% de Bolsonaro. Por conta da margem de erro – 3 pontos percentuais para mais ou para menos – os dois candidatos também estavam tecnicamente empatados nessa faixa etária.

A variável religião, por sua vez, evidenciou preferências eleitorais antagônicas. Entre os católicos, maioria nesse segmento (50% do eleitorado), Lula tinha 59% das intenções de voto contra 39% de Jair Bolsonaro, uma vantagem de 20 pontos percentuais, no dia 25 de outubro de 2022. No eleitorado evangélico, que representa 28% do segmento religião, Bolsonaro tinha 61% contra 33% de Lula – 28 pontos a mais. Mesmo com os evangélicos sendo um dos principais polos sociais de sustentação do bolsonarismo, Lula conseguia compensar entre os católicos a preferência de Bolsonaro junto aos evangélicos.

Entretanto, não devemos desprezar a influência da variável religião sobre as intenções de voto em Jair Bolsonaro. Os evangélicos são um polo fundamental na propagação de valores que mobilizam os bolsonarismo como, por exemplo, a defesa da família, da segurança pública, da propriedade privada e da hierarquia social (NUNES; TRAUMANN, 2014). Porém, como o foco deste trabalho são as variáveis sociodemográficas do voto em Lula, o segmento religioso acaba tendo uma força mais para justificar a preferência eleitoral em Bolsonaro do que em Lula.

É importante registrar que as sondagens Ipespe/Abrapel – “Termômetro da campanha” de segundo turno, objeto deste trabalho, não incluiu o segmento cor nos seus levantamentos. Por isso, não foram mencionados neste trabalho. Apesar das preferências de Lula entre os mais jovens e os católicos terem sido importantes para sua vitória, entendemos que esses dois segmentos não tiveram o mesmo peso, por exemplo, que as mulheres, e os eleitores com renda mensal de até 2 salários mínimos, habitantes da região Nordeste e ensino fundamental.

Nunes e Traumann (2023) destacam também que os liberais sociais tiveram uma importância simbólica para a candidatura Lula e sua vitória em 2022. O apoio de Simone Tebet (MDB) e Geraldo Alckmin (PSB) – e economistas liberais como Henrique Meirelles, Armínio Fraga e Pêrsio Arida – fortaleceram a imagem de uma frente ampla em defesa da democracia. Mesmo que, de acordo com Nunes e Traumann (2023), os liberais sociais correspondam a apenas 3% do eleitorado<sup>4</sup>, numa eleição acirrada como a de 2022, decidida por apenas 1,66 ponto percentual em favor de Lula, o apoio desse segmento pode ter sido determinante.

Assim, para Nunes e Traumann (2023, p. 127), “Lula venceu porque tomou de Bolsonaro o pequeno grupo de liberais sociais, que em parte havia votado contra o PT em 2018”. Embora minoritário quantitativamente, os liberais sociais, ao migrarem para Lula, acabaram sendo decisivos. Os liberais sociais são um contingente móvel do eleitorado. Embora tenham votado em Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, no pleito de 2022 acabaram optando por Lula.

## 5. A consolidação da divisão regional do voto presidencial

O resultado da eleição presidencial de 2022, quando Lula derrotou Jair Bolsonaro por uma diferença de apenas 2,1 milhões de votos<sup>5</sup>, consolidou uma nova divisão regional do país, que teve início com o realinhamento eleitoral ocorrido nas eleições de 2006. Esse realinhamento tem em Lula – ou no lulismo, utilizando a definição de André Singer (2012) – o seu grande protagonista. No entanto, Nunes e Traumann (2023) apontam que a polarização política passou a ser afetiva em função da separação identitária ocorrida durante o governo Jair Bolsonaro. Outra modificação importante é que “as disputas sobre tamanho do governo, privatizações e

---

<sup>4</sup> Informação de Nunes e Traumann (2023) a partir de números da pesquisa Quaest.

<sup>5</sup> Lula obteve 60,3 milhões de voto contra 58,2 milhões de Jair Bolsonaro. Em termos percentuais, Lula conquistou 50,90% dos votos válidos contra 49,10% de Bolsonaro.

controle da inflação estão perdendo espaço para questões de identidade, gênero, raça e religião” (NUNES; TRAUMANN, 2023, p. 146).

Mesmo que a ascensão do bolsonarismo tenha alterado a composição social da polarização quando comparada ao período das disputas entre PT x PSDB a partir de 2006, a partir dos mapas pintados com os resultados das eleições presidenciais nos 26 estados e também no Distrito Federal (DF) que, desde as eleições de 1989, o realinhamento eleitoral, iniciado em 2006, deu origem a uma divisão regional do voto das eleições presidenciais, estruturando um novo padrão de comportamento eleitoral no país. Essa divisão regional do voto pouco se alterou nos pleitos de 2018 e 2022. O que ocorreu nessas duas últimas eleições foi a migração de estados que antes votavam no PSDB para o bolsonarismo.

Conforme podemos observar na figura 12 com os mapas dos resultados por estado de primeiro e segundo turnos da eleição de 2022, Lula e Jair Bolsonaro venceram nos mesmos colégios eleitorais nos dois turnos do pleito. Esse padrão de comportamento eleitoral pode ser explicado pelo que os cientistas políticos norte-americanos John Sides, Chris Tausanovitch e Lynn Vavreck (2022) chamam de polarização calcificada. Sides, Tausanovitch e Vavreck (2022) cunham o termo calcificação política para explicar a rigidez da polarização existente nos Estados Unidos. Com as predisposições eleitorais mais consolidadas, é mais difícil que ocorra uma mudança. Com consequência, a migração de um grupo para outro – democratas para republicanos nos Estados Unidos e lulistas para bolsonaristas no Brasil – é mais difícil. No Brasil, o enrijecimento da polarização aumenta a importância, por exemplo, do segmento conhecido como liberais sociais. Por ser uma fatia móvel dos eleitores, o lado que eles escolhem fica mais perto da vitória.

Interessante observar que Lula foi o vitorioso em todos os estados do Nordeste (Alagoas – AL, Bahia – BA, Ceará – CE, Maranhão – MA, Paraíba – PB, Pernambuco – PE, Piauí – PI, Rio Grande do Norte – RN e Sergipe – SE). Bolsonaro, por outro lado, venceu em todos os estados das regiões Sul (Paraná – PR, Rio Grande do Sul – RS e Santa Catarina – SC) e Centro-Oeste (Distrito Federal – DF, Goiás – GO, Mato Grosso – MT e Mato Grosso do Sul – MS). No Sudeste, Lula venceu em Minas Gerais (MG), estado que carrega uma importante simbologia: em todas as eleições presidenciais, quem venceu a disputa ao Palácio do Planalto, foi vitorioso em MG. E Bolsonaro, venceu em SP, RJ e no ES. No Norte, Lula venceu no Amazonas (AM), Pará (PA) e Tocantins (TO). E Bolsonaro foi o candidato mais votado no Acre (AC), Amapá (AP), Rondônia (RO) e Roraima (RR).

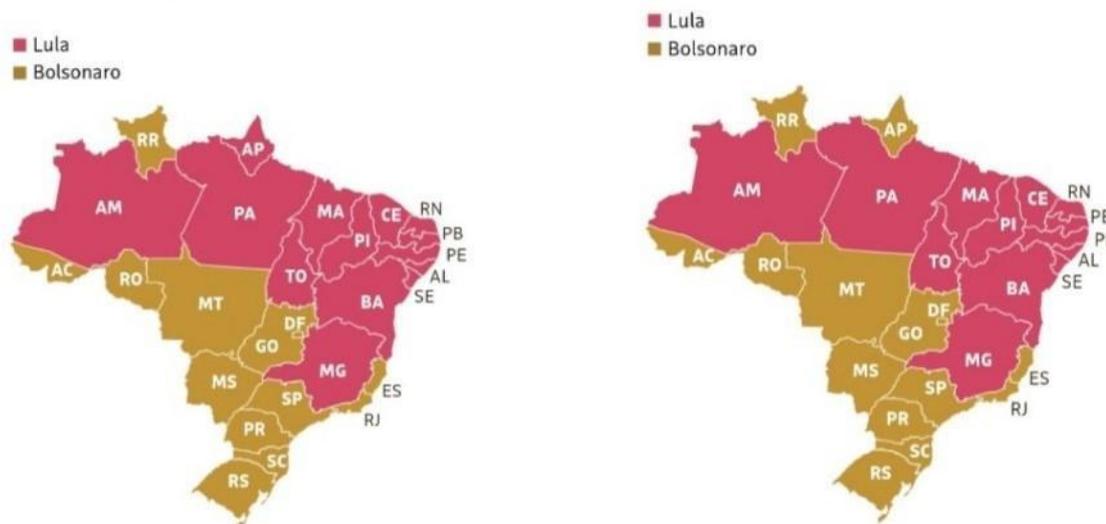


Fig. 12. Resultados por Estado – 1º e 2º turno. Fonte: Folha de São Paulo (31/10/2022).

Este padrão de comportamento eleitoral nas eleições presidenciais – o Nordeste votando com o lulismo. O Norte se dividindo. As regiões Centro-Oeste e Sul pendendo para o campo oposto ao lulismo, que foi o PSDB entre 1994 a 2014, e migrou para o bolsonarismo a partir de 2018, e com o Sudeste sendo o fiel da balança, sobretudo o estado de MG – calcifica uma divisão regional do voto presidencial.

Como podemos observar na figura 13, nos segundo turnos de 2006, 2010, 2014 e 2018 tivemos uma divisão regional do voto muito parecida com 2022. Nas últimas duas eleições presidenciais (2018 e 2022), a novidade foi a migração da parcela do eleitorado que antes votava nos candidatos no PSDB – Geraldo Alckmin (2006), José Serra (2010) e Aécio Neves (2014) – em Jair Bolsonaro, que é o representante do bolsonarismo.

Também é interessante observar que a preferência eleitoral dos estados do Centro-Oeste e Sul pelo campo antagônico ao lulismo não é um produto do bolsonarismo, mas sim consequência do realinhamento ocorrido nas eleições de 2006. Outro aspecto a ser destacado – e que também reforça a centralidade do lulismo nesse realinhamento eleitoral – é que o então candidato do PT ao Palácio do Planalto nas eleições de 2018, Fernando Haddad (PT), embora tenha perdido para o então candidato do PSL, Jair Bolsonaro, venceu em todos os estados do Nordeste no segundo turno – ver figura 13. Não por acaso, conforme apontou Singer (2012), o realinhamento eleitoral passa, principalmente, pelo Nordeste, pois é a região que mais concentra

eleitores de menor renda e escolaridade, que são os principais pilares sociais de sustentação do lulismo.

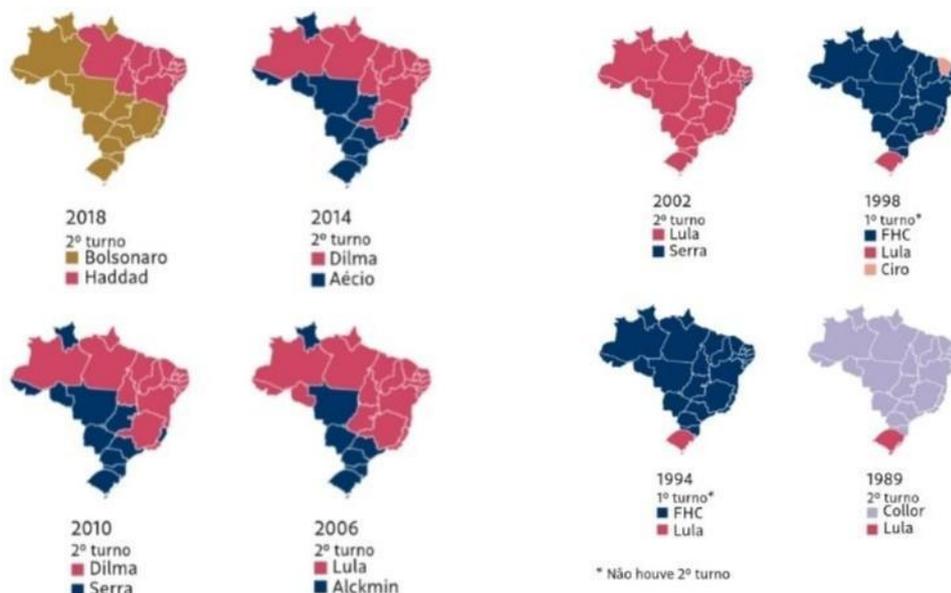


Fig. 12. Resultados das eleições por estado (1989-2018). Fonte: Folha de S. Paulo (31/10/2022).

Outra mudança provocada pelo realinhamento – e que merece destaque – é o fato de, até a eleição de 2002, quem se elegeu presidente venceu em praticamente todos os estados do país. No segundo turno de 1989, Collor só não venceu no Rio Grande do Sul (RS). Ou seja, Collor foi o vitorioso em 26 dos 27 colégios eleitorais. Esse mesmo padrão ocorreu nas vitórias do então candidato do PSDB, Fernando Henrique Cardoso (FHC), nas eleições de 1994 e 1998, que foram definidas em primeiro turno. Em 94, FHC só não venceu no RS. E em 98, só não foi o mais votado em dois estados: RS e Ceará (CE). Esse padrão de vitórias majoritárias do presidente eleito em praticamente todos os estados também se reproduziu em 2002, na primeira eleição de Lula. Em 2002, no segundo turno, Lula só não venceu em Alagoas (AL).

Em 2006, a crise do mensalão abala a preferência eleitoral do PT junto às classes médias dos grandes centros urbanos. Paralelamente a isso, temos os efeitos econômicos do *boom* de *commodities*, que combinado com o direcionamento dado as políticas públicas pelo governo Lula, possibilitou a transferência de renda – a partir do programa Bolsa Família e outras políticas sociais – para os eleitores de menor renda que habitam, em sua maioria, no Nordeste,

gerando a ascensão de 29 milhões de pessoas para a chamada Classe C. É esse fenômeno estrutural que provoca o realinhamento eleitoral (SINGER, 2012).

Nas eleições de 2006, essa divisão regional do voto já é bastante evidente. Lula venceu em 20 estados. Seu adversário, Geraldo Alckmin (PSDB) venceu em 7 estados. Tal divisão se acentua ainda mais nos pleitos posteriores. Em 2010, Dilma Rousseff (PT) venceu em 16 estados. José Serra (PSDB), seu oponente, foi o vitorioso em 11 estados. Na disputa de 2014, Dilma venceu novamente em 16 estados. Aécio Neves (PSDB) venceu em 11 estados. No pleito de 2018, Jair Bolsonaro foi o vitorioso em 18 estados. Fernando Haddad (PT) foi o mais o votado em 9. Em 2022, Lula venceu em 13 estados. E Bolsonaro foi o vitorioso em 14 estados. Apesar de ter sido o candidato mais votado em menos estados, foram decisivos para a vitória de Lula, do ponto de vista regional, as vitórias nos estados da região Nordeste, e também em MG, que atuou como fiel da balança. Além disso, pesou a favor de Lula seu crescimento no Sudeste (MOURA; TREVISAN, 2024).

Não apenas a divisão regional, mas também as variáveis sociodemográficas sexo, grau de instrução e renda, conforme podemos observar no histórico das pesquisas do segundo turno da Abrapel/Ipespe, que sedimentam uma polarização não apenas política, mas também social e afetiva (NUNES; TRAUMANN, 2023). A divisão do país, que teve início em 2006, mas veio se aprofundando, sobretudo a partir de 2014, atingindo seu ápice nas eleições de 2018 e 2022, foram turbinadas pelas características dos dois *players* dessa polarização: Lula e Jair Bolsonaro. Ambos são lideranças carismáticas e que mobilizam pela afetividade. Soma-se a isso o protagonismo cada vez maior das mídias sociais, que também contribuem para alimentar ainda mais essa polarização, já que dividem a sociedade em *clusters*, calcificando as preferências eleitorais.

## 6. Considerações finais

A análise das variáveis sociodemográficas de sexo, grau de instrução, renda e região das pesquisas Ipespe/Abrapel – Termômetro da campanha possibilitou a este estudo quantitativo concluir que o eleitorado feminino, tendo o ensino fundamental como grau de instrução, com renda mensal de até 2 SM e habitantes da região Nordeste se constituíram nos pilares sociodemográficos do voto em Lula.

Conforme procuramos demonstrar, as mulheres (53%), o eleitorado que tem o ensino fundamental como grau de instrução (37%), com renda mensal de até 2 SM (45%) e habitantes da região Nordeste (27%) representam expressivos contingentes do eleitorado brasileiro. Mais do que isso, Lula, nas pesquisas Ipspe/Abrapel que antecederam ao segundo turno, tinha uma larga vantagem sobre Jair Bolsonaro nesses segmentos. Entre as mulheres, a vantagem de Lula era de 19 pontos percentuais. No eleitor com ensino fundamental, Lula registrava 29 pontos à frente. Entre quem recebe até 2 SM, a vantagem do candidato do PT chegou a 33 pontos. E na região Nordeste, atingia 38 pontos.

Mesmo que Bolsonaro tenha vencido entre os homens, e em mais segmentos de escolaridade, renda e região que Lula, a liderança do então presidente nesses extratos sociais foram inferiores a vantagem que Lula teve no que classificamos como os pilares sociodemográficos do voto lulista.

O presente trabalho também buscou demonstrar que esses pilares sociodemográficos do voto em Lula surgiram a partir do realinhamento eleitoral ocorrido em 2006, embora tenha ocorrido uma mudança de composição social a partir de 2018. Mesmo assim, o lulismo, ao estabelecer um novo padrão de comportamento eleitoral, criou uma divisão regional do voto presidencial. Essa divisão veio se aprofundando, eleição pós eleição, atingindo seu ápice nas eleições de 2018 e 2022. Nesse intervalo de 20 anos, observamos uma alteração no campo que antagoniza com o lulismo, cujo protagonismo migrou do PSDB para o bolsonarismo.

Junto com o surgimento do bolsonarismo, a polarização se aprofundou. Mais do que uma polarização política, temos hoje uma Brasil uma divisão social e regional, que está calcificada. Este clima político é, ainda, amplificado pelas redes sociais. Como consequência, o espaço ao centro se afunila. Não foi por acaso que as alternativas da chamada terceira via fracassaram nas eleições de 2022. Também não foi por acaso que as preferências eleitorais por Lula e Jair Bolsonaro se definiram precocemente no mercado eleitoral.

Mesmo com a calcificação da polarização entre o lulismo e o bolsonarismo, os liberais sociais integram o chamado eleitor móvel que define os processos eleitorais. Como os pleitos presidenciais tendem a ser acirrados e definidos por escassas diferenças, quem atrai os liberais sociais fica mais perto da vitória. Assim, esse segmento, mesmo que quantitativamente reduzido quando pensamos no mercado eleitoral, é igualmente importante. No caso da vitória de Lula em 2022, os liberais sociais acrescentaram aos pilares sociodemográficos do voto lulista –

mulheres; ensino fundamental, renda mensal de até 2 SM e a região Nordeste – a maioria eleitoral necessária.

## Referências:

ENTENDA a eleição presidente no país e em SP em mapas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Ano 102, n.34.151, p. A3, 30 outubro 2022.

KEY, V.O. A Theory of Critical Elections. **The Journal of Politics**, v. 17, n. 1, pp. 3-18, fev. 1995. Disponível em: <[bit.ly/3tCdG5q](https://bit.ly/3tCdG5q)>. Acesso em: 12 jul. 2024

MOURA, M; TREVISAN, M.C. **Voto a voto**: os cinco principais motivos que levaram Bolsonaro a perder (por pouco) a reeleição. Rio de Janeiro: Telha, 2024

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. São Paulo: Zahar, 2020

NUNES, F; TRAUMANN, T. **Biografia do abismo**: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2023.

SIDES, J; TAUSANOVITCH, C; VAVRECK, L. **The Bitter End**: The 2020 Presidential Campaign and the Challenge to American Democracy. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2022.

SINGER, A. **Os sentidos do Lulismo**: reforma Gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

## PESQUISAS IPESPE/ABRAPEL – “TERMÔMETRO DA CAMPANHA”

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. 1ª Rodada. Disponível em: <<https://www.abrapel.org.br/post/1%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel>> Acesso em: 12/05/2023

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. 2ª Rodada. Disponível em: <<https://www.abrapel.org.br/post/2%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel>> Acesso em: 12/05/2023

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. 3ª Rodada. Disponível em: <<https://www.abrapel.org.br/post/3%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel>> Acesso em: 12/05/2023

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. 4ª Rodada. Disponível em: <<https://www.abrapel.org.br/post/4%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel>> Acesso em: 12/05/2023

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. 5ª Rodada. Disponível em: < <https://www.abrapel.org.br/post/5%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel> > Acesso em: 12/05/2023

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. Segundo Turno, 1ª Rodada. Disponível em: < <https://www.abrapel.org.br/post/segundo-turno-1%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel> > Acesso em: 12/05/2023

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. Segundo Turno, 2ª Rodada. Disponível em: < <https://www.abrapel.org.br/post/segundo-turno-2%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel> > Acesso em: 12/05/2023

2022. Eleições 2022. Intenções de voto para Presidente. Segundo Turno, 3ª Rodada. Disponível em: < <https://www.abrapel.org.br/post/segundo-turno-3%C2%AA-rodada-pesquisa-term%C3%B4metro-da-campanha-ipespe-abrapel> > Acesso em: 12/05/2023